

# A cura pelo teatro

Maitê Proença leva ao palco monólogo no qual reflete sobre experiências pessoais e sofridas

Nahima Maciel

O monólogo *O pior de mim*, em cartaz de hoje a domingo na Caixa Cultural, passou por quatro versões para chegar ao formato que

CELSON LEMOS



*O pior de mim*, com Maitê Proença, em cartaz na Caixa Cultural

o público pode agora conferir. A peça nasceu de um convite e de um desafio. Corria a pandemia e a atriz Maitê Proença recebeu um telefonema da amiga Ana Beatriz Nogueira acompanhado de um convite para escrever e montar uma peça

no teatro Leblon para ser transmitida on-line para os espectadores.

De lá para cá, o projeto audiovisual filmado em teatro vazio de público se tornou uma peça encenada com temporada que, desde 2023, viaja pelo Brasil. No

## SERVIÇO

### *O Pior de Mim*

Com Maitê Proença. Direção: Rodrigo Portella. Hoje e amanhã, às 20h, e domingo, às 18h, na Caixa Cultural (SBS Quadra 4 Lotes 3/4). Ingressos: R\$ 15 (meia) e R\$ 30, na bilheteria do teatro e pelo site <https://bilheteriacultural.com/>

palco, Maitê fala um texto muito pessoal, publicado em forma de livro com o mesmo título e no qual reflete sobre episódios sofridos, como o assassinato da mãe, morta por 12 facadas dadas pelo pai, um abuso sexual sofrido quando tinha 10 anos, o julgamento paterno, mas também sobre a relação com as drogas para lidar com as dificuldades, a vida alucinante de celebridade e o envelhecimento.

## ENTREVISTA

### Maitê Proença

#### Como nasceu *O pior de mim*?

Resolvemos criar o Teatro Já, que seriam peças encenadas dentro de um teatro mas sem público, para serem vistas on-line. Me foi encomendado um texto e eu pensei, 'o que pode ser pertinente num momento em que o mundo virou de avesso?' A resposta que me veio foi, 'a verdade crua'. E o que pode ser mais verdadeiro do que nossos fracassos?

#### Foi sofrido escrever esse texto?

Nossas histórias são todas diferentes, mas quando as coisas não dão certo, ficamos todos inseguros, frustrados, tristes e reagimos de duas ou três maneiras bem parecidas para encobrir esses sentimentos de que temos vergonha. Estava todo mundo em casa achando que ia morrer e o feedback que eu tive ao apresentar a peça foi sublime. Em vez do mundo perfeito do

instagram, o que eu mostrava era a verdade crua. A pandemia passou e a sede do público pela verdade profunda num mundo de mentiras deslavadas segue se mostrando pra mim a cada sessão.

#### Qual o desafio de fazer um monólogo tão pessoal?

Eu faço com um distanciamento. Ao escrever já foi assim, era como se fosse outra pessoa fazendo aquelas revelações. De certa forma, a pessoa que viveu as histórias, a atriz e a escritora são entidades separadas. Se misturar, fica piegas.

#### Onde entra o teatro no seu processo de cura?

O processo de cura começa quando a gente encara os monstros de frente. Escrever e interpretar são formas que se dão para aquilo que a gente já destrinchou com os sentimentos, na confusão

emocional, na tristeza, na coragem e no amor à vida. O que se leva pro palco são desdobramentos de algo que já aconteceu no passado.

#### Como você lida com o envelhecimento?

Envelhecer é mais difícil aos 50 do que aos 60. Para uma figura pública que trabalha com imagem, se livrar da pressão pela manutenção de uma figura do passado é complicado. Impossível competir com o seu ser mais jovem, com aquele viço encantador. Mas aí vem os 60 e você entende tudo, e para de tentar, e curte a calma de ter se encontrado finalmente com a pessoa que você sempre quis ser e nunca conseguiu enquanto fazia todo aquele esforço para agradar o mundo.

#### O que você faz quando fica triste?

Respiro fundo, faço pranyamas, exercício físico, entro

no mar, danço, danço, danço, canto, respiro. E passa. A essa altura, eu sei que passa e não me dou tanta importância. Entender que sou apenas um grãozinho de nada neste vasto universo me bota no meu lugar e o bicho vai saindo.

#### O texto tem passagens difíceis.

#### Como você lida hoje com isso agora que esses episódios foram expostos ao público?

Não fui eu que os expus, eles foram expostos em um programa de TV para todo o Brasil, à minha revelia. A partir daí, por minha filha pequena que estava na escola, por mim mesma que agora virava outra aos olhos do público, fui obrigada a me abrir e dar minha versão. São assuntos privados que não servem para entrevistas. Mas tratei deles da forma que sei, através da escrita e do teatro, através da arte.